

Queremos armas!

por Carlos Cardoso, (AIM)

27/2/82

O Governo moçambicano vai armar as populações das aldeias e vilas centrais e nortenhas da província de Inhambane que têm sido dolorosamente afectadas pela acção criminosa dos bandos armados.

Esta decisão foi anunciada quinta-feira pelo Presidente Samora Machel, aquando da sua visita a Nova Mambone e Vilanculos, situados na costa a 700 quilómetros a norte de Maputo.

Num comício realizado em Vilanculos, Samora Machel falou demoradamente sobre esta questão e quando perguntou «que devemos fazer?», cerca de 5 mil vozes responderam em unísono: «dêem-nos armas!».

Cerca de uma hora antes de chegar a Vilanculos o Chefe de Estado moçambicano havia recebido o mesmo pedido da população de Nova Mambone.

Em Vilanculos o Chefe de Estado moçambicano disse que os bandos armados não devem ser vistos como o inimigo. «São bandos de criminosos, são bandidos que roubam, matam e violam as mulheres. O inimigo é outra coisa» — disse Samora Machel.

Quarta-feira na cidade de Inhambane o Presidente Samora havia dito numa reunião com o Governo Provincial que a missão de um inimigo implica uma exigência social, uma metodologia concreta. «O regime militarista e racista de Ian Smith era um inimigo, e não estes bandos. Estes são bandidos» — disse o Presidente.

Ao longo dos 90 minutos que durou o comício em Vilanculos houve participação bastante viva da população, particularmente quando o Presidente Samora se referiu a este ponto. «Que fazem eles?» — perguntou o Presidente. Um velho respondeu perante a multidão: «assaltam-nos e destroem

os nossos carros quando vamos para a Beira». Uma mulher acrescentou: «cortam orelhas e lábios, e roubam o nosso dinheiro». Outra mulher elevou a sua voz para dizer: «agora também cortam os seios das mulheres».

Ao meu lado, duas freiras italianas que trabalham no distrito de Vilanculos há alguns anos abanaram afirmativamente as cabeças quando a mulher se referiu a este novo método para lançar o pânico entre as populações. Uma delas disse que já conhecia alguns casos de mulheres cujos seios haviam sido decepados. «E quem são eles» — perguntou Samora Machel. Um jovem gritou: «são infiltrados da África do Sul». «Sim» — prosseguiu o Presidente — «mas são sul-africanos ou moçambicanos?» «Moçambicanos!» — vozeou a multidão. «Então são nossos filhos e pais, são nossos tios e irmãos, são como animais domésticos que se perderam no mato e agora voltam como animais selvagens» — disse o Presidente. E acrescentou: «são bandidos, não são soldados. Um soldado não anda a matar crianças e a violar mulheres. São como mabandidos de Lourenço Marques, no tempo colonial ou como os «tsotsi» de Joanesburgo. Lembra-se dos mabandidos?», («Sim»). «E conhecem os «tsotsi?», («conhecemos»). «Estes são como eles. São bandidos. São criminosos».

Samora Machel recordou seguidamente o processo eleitoral de 77 e o processo de estruturação do Partido de 78. Inquéritos feitos localmente pelas Forças Armadas e por funcionários do Governo, bem como informações do Ministério da Segurança revelam que muitos dos recrutas destes bandidos são homens cujas candidaturas às Assembleias do Povo e

ao Partido foram rejeitadas em 77 e 78 pelas populações. Por todo o País o Povo rejeitou as candidaturas daqueles que haviam pertencido às estruturas repressivas do colonialismo, bem assim como às de outros cuja conduta familiar granjeava a desconfiança popular.

No fim do comício o Presidente Samora perguntou: «Quem quer armas para lutar contra os bandidos?» Miúdos, velhos, mulheres, toda a gente levantou os braços.

O Presidente prosseguiu. «Os de Morrumbene já pediram e querem ir até Mabote».

Mabote, uma pequena povoação quase inteiramente ligada aos trabalhos de uma serração ali existente, fica no noroeste da província de Inhambane, a caminho do triângulo formado pelas fronteiras provinciais de Gaza e Manica. É lá que a acção dos bandos armados se tem feito sentir com maior incidência. Interpretação plausível é de que pretendam criar uma base após os severos revezes sofridos no distrito de Mossurize, em Manica.

É também de lá que partem os ataques mais para o Sul de grupos que andam a monte. Para se alimentarem atacam povoações dispersas ou carros que fazem o percurso Inhambane-Beira.

A atitude mais combativa do que aterrorizada da população de Vilanculos para com os bandos armados advém do facto de ela ter tido um papel bastante activo no apoio aos guerrilheiros refugiados zimbabueanos durante os quatro anos da guerra contra o exército rodésiano.

Ainda hoje se vêem em Vilanculos e arredores os milícias que nessa altura foram treinados e armados.